

GUATTARI, Félix: *Machinic Eros: Writings on Japan*, ed. Gary Genosko e Jay Hetrick, University of Minnesota Press / Univocal, Minneapolis, 2015, 154p.

Perto do vigésimo quinto aniversário da sua morte, a obra de Guattari resta quase por completo desconhecida. Talvez porque não há maior obscuridade que a que acompanha às mais fortes luzes (como as da sua produção junto a Deleuze), o resto da sua obra lê-se pouco, traduz-se menos e, exceção feita de certa arte contemporânea e certa teoria do urbanismo, também não conhece os novos usos que obras como *Chaosmose* mereceriam.

Neste sentido, o labor de Gary Genosko, o maior especialista em língua inglesa na obra de Guattari, resulta equiparável ao valiosíssimo trabalho que na França vieram realizando Stéphane Nadaud no eido da edição e François Dosse no da história intelectual, ou mesmo Éric Alliez, Jean-Claude Polack e a equipa das revistas *Chimères* e *Multitudes* na medida em que «continuam» o trabalho de Guattari. No caso de Genosko, esta obra vem portanto continuar o seu labor como grande introdutor de Guattari nos países de fala inglesa após o tão relevante *The Guattari Reader*, aportando neste *Machinic Eros* tanto textos até o de agora não traduzidos ao inglês como escritos inéditos ou muito dificilmente acessíveis.

Para além do seu singular valor historiográfico para o especialista, a obra permite ao leitor não familiarizado com o pensamento de Guattari penetrar nele através de uma das suas vetas mais interessantes, essas que nos autores determina sempre o seu *gosto*, e que no caso do francês percebemos bem ao lermos os seus textos sobre literatura (Joyce, Kafka) e sobre determinadas «geografias» da subjetividade (Brasil, Itália, Japão). Ao contrário que Deleuze, que nunca chegaria a viajar embora, Guattari sentia-se fascinado

---

Recibido: 18/11/2015. Aceptado: 22/11/2015.

pela particularíssima mistura de modernidade e arcaísmo na subjetividade pós-industrial nipônica, visitando Japão em repetidas ocasiões durante a década de oitenta, país que por sua vez se interessava também pela obra de Guattari, traduzindo-se muitos dos seus textos ao japonês antes de fazê-lo em inglês, português e castelhano.

O livro, embora breve, permite medirmos o alcance da implicação guattariana com o país, que Genosko e Hetrick refletem com acerto em torno de três eixos básicos: a) estatuto, particularidades e linhas de fuga do capitalismo japonês; b) o urbanismo nipônico como máquina de desterritorialização subjetiva; e c), os modos de «produção de subjetividade» animados pelas artes contemporâneas do Japão.

A obra começa, num grande acerto editorial, com «Tokyo, the Proud» (pp. 5-8), texto breve mas de marcada «idiosincrasia» guattariana que marca o tono e mais as perspectiva de Guattari, não só a respeito do Japão, mas no contexto da sua própria obra e vida destes anos. Esta sorte de corte, embora de diferente jeito, repete-se nas entrevistas com Tetsuo Kogawa de 1980-1981 («Translocal: Tetsuo Kogawa interviews Felix Guattari», pp. 9-34), nas que se aborda tanto a sua visão retrospectiva do autonomismo italiano ou o movimento das rádios livres como questões mais gerais a respeito da sua crítica ao dogmatismo lacaniano.

Continua com o breve poema «Butoh» [1984] (pp. 35-6), a propósito do bailarino Min Tanaka, a quem o próprio Guattari entrevista em «Body-Assemblage: Felix Guattari and Min Tanaka in Conversation» [1985] (pp. 37-46), num texto cuja ausência de qualquer aparelho crítico pode rendê-lo pouco produtivo para quem não conhecer esta arte ou o sentido que pode operar na obra de Guattari, problema este que repetem os pelo demais valiosos textos sobre a obra de Keiichi Tahara («Keiichi Tahara's Faciality Machine», pp. 47-58; «The "always never seen" of Keiichi Tahara», pp. 59-62), de grande interesse para o estudioso guattariano por quanto abordam a arte menos tratada por Guattari, como é a fotografia.

«Imai: Painter of Chaosmosis» (pp. 63-6) reproduz o tono extático e ao mesmo tempo estranhamente sereno prototípico do Guattari tardio, em ocasiões quase milleriano (e que voltamos topar em «The Rich Affects of Madam Yayoi Kusama», pp. 67-8):

No cynicism here, no deception. Or maybe an essential deception, one holding the contradiction at its melting point. No, just the air of time on the palette. So goes the world. So good, so sweet. Becoming-bamboo-shoot in a large park, Sunday morning, to the sound of rock music. Becoming a cheap flowers-birds-wind-moon toward an imperceptible density of being.

To go faster than the chaotic wind, to open the cosmonaut eye-moon, to make of bird song as-yet-unheard-of digitized refrains. («Imai: Painter of Chaosmosis», p. 73.)

Por último, topamos textos mais conhecidos mas igualmente relevantes sobre arquitetura e urbanismo nipônicos, singularmente interessantes em termos epistemológicos para compreender tanto ao Guattari daqueles anos como determinadas questões centrais da época de *Mille plateaux*: «The Architectural Machines of Shin Takamatsu» (pp. 69-78), «Singularization and Style: Shin Takamatsu in Conversation with Felix Guattari» (pp. 79-88), e mais um dos seus mais significativos textos sobre urbanismo, «Ecosophical Practices and the Restoration of the “Subjective City”» (pp. 89-108). O livro fecha com os estudos críticos dos editores, Gary Genosko («Pathic Transferences and Contemporary Japanese Art», pp. 111-28) e Jay Hetrick («Toward a Critical Nomadism? Felix Guattari in Japan», pp. 129-48).

Em conclusão, embora se centrar numa época muito determinada do pensamento guattariano, como são os meados da década de oitenta, a obra permite um apegamento transversal à obra de Guattari. Aliás, a ausência de um maior aparelho crítico dificulta uma apreensão plenamente frutífera para o neófito, em consequência circunscrevendo o seu pleno aproveitamento aos especialistas, já familiarizados com o contexto destas viagens (especialistas que, pelo demais, conheciam já a maior parte destes textos, for na sua versão original, for em tradução). Porém, estas ambiguidades editoriais, junto a pequenos erros na diagramação, são as únicas fraquezas de uma obra relevante para os estudos da obra de Guattari, e por cuja tradução aguardamos.

Matías García Rodríguez